

A literatura brasileira em fontes portuguesas

no século XIX ^[1]

Maria Eunice Moreira

PUCRS

Em 1873, ao escrever o editorial para o jornal *O Brasil*, na sua edição para a América do Sul, o crítico português Pinheiro Chagas fazia uma afirmativa contundente sobre a situação do livro brasileiro em Portugal. Dizia ele que *com muita mais facilidade se estuda na nossa terra a literatura chinesa do que a literatura brasileira* e para quem creditasse ser um exagero suas palavras, completava: *Os editores parisienses mandam para Lisboa, entre as novidades de livraria, os romances chineses traduzidos por Stanilas Julien, o célebre sinólogo que faleceu há poucos dias; ao passo que do Brasil as únicas novidades que para cá nos vêm são **café, açúcar e banana.*** ^[2]

A observação de Pinheiro Chagas, registrada quase ao final do século, sintetiza a opinião dos críticos portugueses na dificuldade para a obtenção de informações sobre a produção bibliográfica brasileira. Um dos primeiros a reclamar da ausência de livros do Brasil nas prateleiras de Portugal foi Inocêncio Francisco da Silva. Para a publicação do *Dicionário bibliográfico português*, obra que lançou em 1858, dizia que pretendia acolher as obras publicadas no Brasil, mas a precariedade das informações o levou a lamentar não ter se socorrido de subsídios para essa tarefa: *só senti que para a realizar não estivesse preparado com maior antecipação: ter-me-ia nesse caso premunido com mais amplas notícias, para a dar a esta parte* ^[3] *a amplidão de que era suscetível.*

Apesar do interesse do autor e da tentativa que faz para coligir dados mais significativos sobre os literatos brasileiros, Inocêncio não foi tão bem sucedido, persistindo as dificuldades já observadas. Ao publicar o volume dois do *Dicionário*, volta a reclamar da insuficiência das fontes brasileiras, referindo-se, especificamente em relação à obra de dois autores: o poeta Gonçalves de Magalhães e o romancista Joaquim Manuel de Macedo. Quanto ao primeiro, ao mencionar o

poema “A confederação dos Tamoios”, diz que os *pouquíssimos exemplares, que [...] existem em Lisboa desta obra [estão] em mãos de particulares* e o que utilizou só foi possível *pela obsequiosa benevolência comunicada pelo seu possuidor o Sr. J. J. Okeeff.* ^[4] Em relação a Macedo, a condição é diferente, porque o próprio autor de *A moreninha* encarregou-se de enviar o livro a Portugal, conforme escreve o dicionarista:

das suas obras impressas possuo hoje a coleção quase completa, que do Rio de Janeiro me chegou há pouco tempo, por intervenção dos Srs. J. e M. da Silva Melo Guimarães, e oferecida, parte pelo ilustre autor, e parte pelo editor e proprietário dos romances, o Sr. D. J. Gomes Brandão, pelo que me cabe tributar-lhes aqui os meus agradecimentos. ^[5]

A observação de Inocêncio evidencia a parca circulação do produto literário brasileiro em Portugal, falta que é sanada apenas quando os interessados pela circulação da obra – no caso, o autor e o editor – tomam providências para que o livro seja divulgado além-mar.

Com o passar dos anos, o desconhecimento sobre a literatura brasileira e a dificuldade de obter os livros desses escritores não apresenta mudanças significativas. Segundo um artigo publicado em 1874, na revista *Artes e Letras*, de Lisboa, essa lacuna está diretamente vinculada à divulgação do produto brasileiro em terras de além-mar. O artigo intitulado “Literatura brasileira”, sem indicação de autoria, sintetiza a situação do livro do Brasil em Portugal:

Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portugueses em se fornecerem de livros brasileiros. Nomeavam-se de outiva os escritores distinto do Império, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliotecas públicas era escusado procurá-los. Em compensação, sobravam nelas as edições raras de obras seculares que ninguém consulta. ^[6]

Para o autor do artigo, a situação de negligência em relação aos escritores da ex-colônia tem origem no fato de que os livreiros não editavam esse material, quadro que está sendo revertido com a política editorial da Livraria Chardron, que acaba de abrir o mercado ao livro estrangeiro, proveniente do Brasil:

O mercado dos livros brasileiros abriu-se, há poucos meses, em Portugal. Devêmo-lo à atividade inteligente do Sr. Ernesto Chardron. Foi ele quem primeiro divulgou um catálogo de variada literatura, em que realçam os nomes de mais voga naquele florentíssimo país. ^[7]

Apesar de reconhecer o interesse de Chardron, o articulista não esquece de atribuir parte da responsabilidade do empreendimento ao livreiro Garnier, do Rio de Janeiro, a quem credita o papel de fazer *luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados.* ^[8] A iniciativa vem ainda cercada por uma informação de caráter prático, para estimular o intercâmbio: *os preços dos livros oferecidos no catálogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são módicos, reduzidos e inferiores ao preço corrente das obras portuguesas e de igual tomo.* ^[9] Foi esse livreiro quem publicou, durante três anos, a *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira*, espécie de revista bibliográfica, com notícias e anúncios de livros, críticas e resenhas, entre as quais figuraram, ainda que em número reduzido, alguns títulos de escritores brasileiros.

Na mesma trilha, em outubro de 1881, os editores Maximiano e Azevedo, empreendem uma publicação intitulada *Bibliografia de Portugal e Brasil*, com a pretensão de elaborar *um índice crítico da obra intelectual das duas nações que falam e escrevem o português,* ^[10] conforme esclarece o editorialista no número inaugural. O intuito de servir de guia à produção cultural portuguesa e brasileira é expressamente definido nesse texto, que assume também o compromisso mais amplo de contribuir para a história portuguesa, registrando os feitos culturais dos autores nascidos dos dois lados do Atlântico:

a Bibliografia de Portugal e do Brasil abraçará no seu plano a literatura brasileira, o movimento intelectual do Brasil, hoje tão importante e tão avultado, duplicando assim a sua utilidade e fazendo conhecida no Brasil, dia a dia, a história da literatura portuguesa, e de todas as produções do espírito nacional, fazendo conhecida em Portugal a vida intelectual do Brasil e o seu movimento literário e científico. ^[11]

A efemeridade desses periódicos impedia, contudo, a concretização de seus objetivos. As iniciativas tomadas pelos responsáveis por esses jornais, folhetos, bibliografias e similares perduram pouco tempo, perdendo-se o vínculo estabelecido entre os dois países. O quadro não é diferente entre os autores portugueses, pois a queixa é constante também no meio dos literatos. Antero de Quental, por exemplo, em 1883, ao organizar a antologia *Tesouro poético da infância*, escreve a Joaquim de Araújo dizendo que pretendia conceder *um lugar de hospitalidade franca e fraternal aos poetas brasileiros, porque a poesia brasileira, expressão eloqüente dessa individualidade nacional [...] tem já originalidade e vigor bastantes para não se confundir com a portuguesa* [12].

Para isso, solicitava a esse amigo que lhe remetesse livros dos poetas Álvares de Azevedo e Castro Alves, para citá-los no volume que organizava. Segundo o autor, a restrita circulação desses nomes não decorria apenas da escassa divulgação das obras, mas a uma questão mais séria, de âmbito lingüístico, provocada pela diferenciação na língua portuguesa falada no Brasil. Para ele, os autores brasileiros *se vão já aliterando e fazendo senis como os do velho*

mondo. [13] Em carta dirigida a Tommaso Cannizzaro, escrita de Vila do Conde, em Portugal, em 6 de agosto de 1883, Antero aponta de modo mais explícito a distinção lingüística entre os dois povos como causa da inacessibilidade do livro brasileiro em Portugal, escrevendo ao amigo:

En fait de littérature, nous ignorons ici absolument ce qui se fait au Brésil.

A peine connaissons nous 5 ou 6 écrivains brésiliens, les plus illustres, naturellement, et encore on ne les lit guère. Cela tient à ce que la langue qu'on parle là-bas n'est pas encore assez éloignée du portugais pour constituer franchement un dialecte, en même temps qu'elle l'est déjà assez pour que leur style nous semble incorrect et baroque. [14]

O registro do escritor português é extremamente significativo, pois extrapola o âmbito até então apontado – o desinteresse dos livreiros pela edição dos livros do Brasil – para introduzir um ângulo novo no exame da questão. Não se trata apenas de divulgação das obras, fatores ligados à circulação do material impresso e de ordem literária externa, mas de localizar o problema num tópico de ordem intrínseca: a diferenciação entre a língua dos portugueses e dos brasileiros, se não chega, ainda, a constituir um dialeto, já soa estranha aos ouvidos dos lusitanos, parecendo-lhes uma forma incorreta da mesma língua. [15]

Apesar, porém, do quadro delineado sobre a carência de fontes brasileiras em Portugal, o levantamento procedido na imprensa portuguesa do século XIX, e as referências encontradas em livros de história da literatura portuguesa, especificamente no que se refere à geração romântica, comprovam que a literatura brasileira tinha leitores entre os críticos e o público português, como também sugere que alguns autores da jovem nação americana desfrutaram de prestígio e reconhecimento em terras lusitanas. Entre os fatores que justificam a apresentação do mundo cultural brasileiro ao círculo português, apontam-se causas literárias e extraliterárias. Do ponto de vista literário, interessava aos críticos a realidade americana, traduzida nos versos dos poetas do Novo Mundo, como também as diferenças lingüísticas já observadas nas composições artísticas das duas nações; do ponto de vista extraliterário, o exotismo da vida no novo continente despertava a curiosidade e o entusiasmo de uma geração crítica que ansiava pela novidade. A isso, soma-se a vivência de brasileiros em universidades ou círculos letrados, como Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias, e até mesmo a amizade entre portugueses e brasileiros, residentes em Lisboa ou em outras capitais européias, especialmente em Paris.

Foram exatamente aqueles críticos que se queixavam da falta de circulação e de informações sobre a produção brasileira, como Inocêncio Francisco da Silva e Pinheiro Chagas, os que mais olharam para o Brasil e sua literatura. Procurando sanar as deficiências e as lacunas sobre os autores e as obras produzidas na ex-colônia, escreveram artigos, produziram estudos, fixaram autores e obras, e criaram mecanismos para aproximar os dois povos.

A primazia na referência a escritores do Brasil cabe a Almeida Garrett, que, no “Bosquejo da história da poesia e da língua portuguesa”, publicado no *Parnaso lusitano*, de 1826-1827, examina os poetas coloniais, destacando-lhes o espírito nacional e exigindo da geração árcade maior aproveitamento do espaço brasileiro. Dentro dessa perspectiva, embora reconheça que Cláudio Manuel da Costa desfruta de *mui distinto lugar [...] entre os poetas portugueses dessa época*, ^[16] exige que explore mais as cenas da natureza da região de Minas Gerais, centro do Brasil, onde viveu o poeta. Em Tomás Antônio Gonzaga, Garrett também procura a descrição da paisagem americana, reclamando que em lugar de *debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou*. ^[17] Por isso, sua avaliação mais positiva recai sobre a produção poética de Basílio da Gama, autor de *O*

Uruguai, o único dentre os artistas desse período em que destaca *cenias mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva* ^[18], o que assegura sua superioridade: *Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e*

legítima americana. ^[19] Ainda que Garrett considere Basílio da Gama um poeta português que, com sua obra, valoriza a literatura de Portugal, agrada-lhe a tematização do espaço americano, o que lhe permite apontar o tom nacionalista de seus versos. Não obstante reafirmar a unidade entre a produção literária portuguesa e brasileira, desconhecer ou não se interessar pelo novo quadro político vigente no Brasil, após 1822, Garrett avalia a obra dos brasileiros utilizando o conceito do nacional. Para o crítico português, o poeta de maior destaque é o que expressa essa condição em sua poesia. Assim, se adota uma perspectiva européia ao abranger as duas manifestações artísticas, não deixa de apresentar a ótica dos brasileiros, ao propor e lidar com um critério de ordem interna – a condição nacional – ao avaliar os poetas mineiros. Essas formulações repercutem positivamente junto à geração romântica, tornando-se decisivas na determinação dos rumos da vida literária da jovem nação. ^[20]

Anos mais tarde, quando apareceu em Lisboa *O Panorama*, jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, o interesse pelo Brasil é assumido no primeiro ano de circulação do novo periódico. Em dezembro de 1837, num artigo intitulado “Brasil”, seu autor chama a atenção para o vasto império americano, estimulando entre os portugueses a proximidade com a nação-irmã, recém emancipada. O antagonismo entre as duas nações deve ser esquecido e, ainda que o país apresente algumas coisas bárbaras e inóspitas aos olhos dos europeus, seu futuro é promissor: ao contrário das velhas nações européias, demasiadamente populosas e geograficamente acanhadas, o Brasil precisa apenas *ser administrado com juízo para aumentar sua grandeza.* ^[21]

A disposição de aproximar os dois impérios, há tão pouco tempo unidos por laços políticos, através da divulgação de suas potencialidades, abrirá as páginas do periódico para um artigo sobre a literatura brasileira, que vem a público em 1841, sob o título “Das naturais tendências da futura literatura brasileira”. Nesse texto, seu autor defende a independência literária do Brasil, recaindo numa argumentação idêntica à de Ferdinand Denis, exposta em 1826, no seu *Résumé de*

l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil, ou seja, novas instituições políticas e cenários naturais diferenciados induzem a uma renovação no processo artístico. Nesse caso, a literatura da América, estimulada por uma natureza singular, encontrará elementos para uma criação poética original. Para o jornalista de *O Panorama*, a fórmula para a concretização da literatura brasileira é simples, resumida na seguinte proposição: *Se os poetas americanos compreenderam bem as vantagens que o seu país lhe oferece, acharão um manancial inesgotável, sem precisarem mendigar enfeites alheios.* [22]

Em 1840, o *Cosmorama Literário* publica dois artigos sobre o poeta D. J. G. de Magalhães, abordando a obra maior do romântico brasileiro, a coleção de poesias enfeixadas sob o título *Suspiros poéticos e Saudades* [23] e, em 1841, *O Ramalhete*, jornal de instrução e recreio, na seção “Estudos históricos”, focaliza os gênios portugueses – José Basílio da Gama [24] e o Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas. [25] Entre discussões sobre a nacionalidade desses escritores e o registro de seu nascimento em terras de além-mar, os escritores do Brasil vão, pouco a pouco, ocupando as páginas dos periódicos e, ao mesmo tempo, estimulando o conhecimento sobre a produção artística da jovem nação brasileira, antecipando, de certa forma, o teor do artigo que Alexandre Herculano publicaria em 1847, na *Revista Universal Lisbonense*, sob o título “Futuro literário de Portugal e do Brasil”.

O texto foi escrito por ocasião da leitura dos *Primeiros cantos*, de Gonçalves Dias, em Portugal, e nele Herculano retoma algumas das questões que vêm norteando a avaliação da literatura brasileira pelos portugueses. Na verdade, o artigo vale-se dos versos do poeta nacional, para refletir sobre as condições literárias da velha Europa, passadista e decrépita, e o Novo Mundo, berço da infância e da renovação. O Brasil aparece, assim, como *um império vasto, rico, destinado pela situação, pelo favor da natureza, [...] a representar um grande papel na história do Novo Mundo* [26]; Portugal, ao contrário, *é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepitez*. É vindo desse país cheio de esperança, viço e vida que Herculano toma conhecimento da poesia de *um autor*, [que] *não o conhecemos, mas deve ser muito jovem*, pelos pequenos defeitos que nele observa, decorrentes, ainda, de certa influência

européia. Superados esses pequenos problemas, que em nada obscurecem a criação artística de Gonçalves Dias, Herculano transcreve dois poemas – “O canto do guerreiro” e “O morro do Alecrim”, por ele considerados como representantes da poesia nacionalista.

A geração romântica, constituída por jovens poetas do Brasil, envolvidos com causas políticas e defensores de ideários renovadores, tanto no plano político, como no plano literário, como o abolicionismo, a propriedade literária, o nacionalismo da literatura, passam, pouco a pouco, a ocupar lugar na imprensa lusitana, que, divulgando seus poemas, resenhando suas obras ou noticiando a vida cultural do Império brasileiro, oferecem espaço para o maior conhecimento dessa nova nação. De outra parte, o círculo literário português expande-se e, quando Inocêncio Francisco da Silva publica seu *Dicionário bibliográfico português*, a partir de 1858, acolhe os escritores americanos, procurando suprir as lacunas que apontara em anos anteriores. Desse modo, quer através dos brasileiros que chegavam em Lisboa, quer através de informações que procurava obter no Rio de Janeiro, junto a editores e livreiros, sua obra de nove volumes contemplou nomes que abrangem um largo espectro: dos árcades do século XVII aos escritores contemporâneos, como José de Alencar e Machado de Assis.

No entanto, o primeiro ensaio sobre um escritor brasileiro publicado em obra portuguesa não foi redigido pelos críticos mais atentos à produção literária da ex-colônia, mas pelo jornalista A. P. Lopes de Mendonça, que, em 1855 publicou, pela Tipografia do Panorama, de Lisboa, seu livro *Memórias da literatura contemporânea*, [\[27\]](#) nele incluindo os românticos brasileiros. No capítulo denominado “Perfis literários”, Lopes de Mendonça dedica-se a dois poetas do Brasil, entre os demais de sua terra: Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo. O primeiro, conforme relata, já era seu conhecido como estudante de Direito de Coimbra, embora sua timidez o tivesse impedido de se apresentar nas reuniões estudantis. Para o crítico português, desde as primeiras tentativas poéticas, Gonçalves Dias anunciava uma criação diferenciada, marcada pela exuberância da paisagem americana. Se nos *Primeiros cantos*, essa tendência já se realizava, apesar da proximidade e da vivência com o ambiente estrangeiro, com os *Segundos cantos* e os *Últimos cantos* ele se confirma como um verdadeiro poeta americano. Agrada ao crítico sobretudo a exploração poética da natureza do Brasil, que concede aos versos sua originalidade,

pois se *eram harmonias cantadas na mesma língua que nós falamos*, notava-se que eram *inspiradas e absorvidas em outro teatro*. [28]

Acompanhando a trajetória do poeta em terras portuguesas, desde o seu tempo de estudante na Universidade de Coimbra, Lopes de Mendonça avalia o conjunto de sua obra, observando a progressão dos versos de Gonçalves Dias, o que permite ao crítico conceder-lhe a posição de *primeiro poeta do Brasil, e um dos mais notáveis de talentos da geração que se dedica às letras*,

em ambos os países. [29] Não menos favorável é a avaliação que dedica a Álvares de Azevedo, o jovem poeta prematuramente falecido. Em suas *Liras dos vinte anos*, Lopes de Mendonça destaca os versos escritos sob as inspirações do sentimento, que constituem a primeira parte da obra, e anota, especialmente, a vasta instrução do autor, que se apropria da lição dos ingleses, sobretudo Shakespeare e Byron, na segunda parte das *Liras*.

Mas é ao final da quarta parte do capítulo “Perfis literários”, que Lopes de Mendonça, abandonando a análise dos versos de Álvares de Azevedo, volta-se para o público português, para reconhecer a autonomia brasileira e solicitar a seus patrícios que esqueçam rivalidades e antagonismos, em função da separação política entre as duas nações. Seus apelos de fraternidade e compreensão alicerçam-se na apreciação de um patrimônio literário comum e na valorização da língua lusitana, transformando seu texto crítico num libelo em favor da comunhão e da compreensão entre os povos:

Estamos politicamente separados do Brasil: a colônia forte e poderosa emancipou-se, e fundou um império florescente e vasto. [...] Era justo que a tutela acabasse, e que as imensas regiões do Novo Mundo livre e independentes pudessem desenvolver a sua atividade, e completar os seus destinos. Mas é em nome dos antigos laços, que estreitamente nos uniram, que não podemos deixar de observar com desvanecimento os progressos e o esplendor dessa nação que fala a mesma língua, em cujas veias corre o mesmo sangue, e cujas tradições mais gloriosas também pertencem à nossa história. Vocações, como a do Sr. Gonçalves Dias, como a do jovem poeta, expirando na aurora do seu talento, testemunham eloqüentemente a vitalidade da nação brasileira. Portugueses, não podemos deixar de ter orgulho de ver a nossa língua acordando maviosamente aos ecos daquelas ridentes campinas, e daquelas copadas florestas: se nos faltassem outros estímulos de fraternidade, bastava exata inestimável comunhão das letras, para destruir rivalidades, pouco próprias da mútua dignidade de duas nações, que por assim dizer, nasceram no mesmo berço. [30]

Paulatinamente, a presença da literatura brasileira torna-se mais efetiva no círculo literário português, o que pode ser comprovado não só pelo espaço que autores e obras do Brasil passam a desfrutar nos periódicos portugueses, como também pelas referências em obras críticas lançadas no decorrer do século XIX. Críticos consagrados como Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco escrevem sobre a literatura brasileira e editam-se em Portugal livros voltados aos autores do Brasil.

Ao lado de obras mais específicas, como as mencionadas, ampliam-se também as publicações de caráter periódico que visam intensificar as relações entre Portugal e Brasil, oferecendo informações, resenhas, estudos críticos e divulgação da produção literária e cultural da antiga colônia. Até o final da década de 1850, jornais como *Iris*, periódico de religião, belas artes, ciências, letras, história, poesia, romance, notícias e variedades (1848), redigido por José Feliciano de Castilho, inclui notícias sobre instituições brasileiras e publica poemas de autores do Brasil. *A Ilustração Luso-Brasileira* (1856), de responsabilidade de Alexandre Herculano, entre outros, menciona Casimiro de Abreu no quadro de colaboradores.

Dentre essas publicações, o *Arquivo Pitoresco*, semanário ilustrado, (1857) ocupa uma posição singular na imprensa lisboeta. Em suas páginas há notícias sobre o Brasil e suas manifestações culturais, como uma seção, “Crítica Literária”, com estudos sobre Álvares de Azevedo, identificado como *poeta brasileiro*, [\[31\]](#) por Lopes de Mendonça, biografias de personalidades do Brasil, como Frei Monte Alverne, críticas sobre poesia brasileira, com destaque para Fagundes Varela e Gonçalves Dias e um estudo de Inocêncio Francisco da Silva sobre o romancista José de Alencar. O *Anuário do Arquivo Pitoresco*, que entra em circulação em 1864, também é pródigo em informações sobre o Brasil e sua literatura.

Outras publicações periódicas, cujos títulos sugerem a aproximação entre as duas nações, abrem suas páginas para os brasileiros: *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1854), apresenta uma nominata de autores cujos *poemas honram suas páginas*, [\[32\]](#) como registra o exemplar de lançamento: Gonçalves Dias, Pereira da Silva, Inható-Mirim, José Maria do Amaral, José P. R. de Carvalho, Laurindo José Rabelo, Magano, M. J. B. Dias e Tomás José Pinto Serqueira. Em anos posteriores, a *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1860) indica

uma aproximação mais efetiva e, em suas páginas, José Feliciano de Castilho publica um longo estudo sobre Frei Monte Alverne e Pinheiro Chagas apresenta um “esboço crítico” do poeta indianista Gonçalves Dias.

Apesar das queixas e das constatações recorrentes dos críticos portugueses, relativamente à carência de fontes para estudo do sistema literário brasileiro, a literatura do Brasil, especialmente a produzida pela geração romântica, ganha espaço até a segunda metade do século XIX, em publicações de natureza diversa, em textos elaborados por diferentes homens de cultura, atendendo a finalidades também diferenciadas. Nesse caso, jornais e revistas apresentam-se como os veículos de maior preocupação e interesse pela matéria brasileira. Ao lado dessas publicações periódicas, a literatura brasileira passa a ocupar as páginas de obras de porte, produzidas pelos portugueses, que visam à escrita da história da literatura, incluindo os autores do Brasil no campo mais amplo crítica literária lusitana.

Desse modo, três pontos podem sintetizar a situação até aqui analisada, relativamente às fontes portuguesas sobre o acervo literário brasileiro, no século XIX: 1 – a crítica literária, ao avaliar o material brasileiro privilegia os autores e as obras que expressam, em suas linhas, o apego à realidade americana. A paisagem, a fauna, a flora e os elementos que distinguem o espaço nativo do Brasil do espaço europeu tornam-se o fulcro das análises críticas; 2 – a literatura brasileira perde seu caráter de subordinação em relação ao sistema literário português, assumindo uma posição independente e até mesmo se transformando em objeto da crítica lusitana, em obras como *Brasileiros ilustres* ou *O Brasil atual*; 3 – a dependência ou a subordinação da produção literária do Brasil ao conjunto da literatura portuguesa, que até então norteava os estudos, em função da situação política vivida pelas duas nações, cede seu lugar ao reconhecimento da autonomia e da distinção entre os dois sistemas. Nesse ponto, a literatura praticada no Brasil toma vulto, no decorrer do século XIX, passando, agora, a valorizar a língua portuguesa, que se sente engrandecida por oferecer o substrato lingüístico para as composições renovadas dos brasileiros.

Assim, a recepção positiva da literatura brasileira contradiz, de certo modo, a expressão indignada de Pinheiro Chagas, ao afirmar que *do Brasil as únicas novidades que para cá nos vêm são café, açúcar e banana* ^[33]. Mais do que isso, os portugueses leram, apreciaram e analisaram as páginas escritas pelos seus co-irmãos brasileiros, sugerindo, até mesmo, que se os dois países

ainda apresentavam antagonismos e arestas, as relações literárias, ao contrário, aproximavam as duas nações, cabendo à literatura um papel político e, por que não dizer, promotor do restabelecimento das ligações fraternas entre a antiga mãe – Portugal – e seu filho americano – o Brasil.

[1] Este trabalho é resultado do levantamento efetuado na Biblioteca Nacional, em Lisboa, no ano de 2001, por ocasião do Estágio Pós-Doutoral realizado sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Reis, como bolsista da CAPES/Brasil.

[2] CHAGAS, Pinheiro. Bibliografia brasileira. *O Brasil*. Lisboa, 1873. Edição para a América do Sul.

[3] SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Oficial, 1858. p. 188. v. 2.

[4] SILVA, op. cit., p. 188.

[5] Ibidem. p. 128.

[6] LITERATURA brasileira, *Artes e Letras*, Lisboa, n. 1, p. 16, 1874.

[7] Id. Ibid.

[8] Idem.

[9] Idem.

[10] GERVÁSIO, Lobato A bibliografia em Portugal. *Bibliografia de Portugal e Brasil – Jornal das Livrarias*, Lisboa, n. 1, p. 1, 1881.

[11] Id. Ibid. p. 2.

[12] QUENTAL, Antero de. Advertência. *Tesouro poético da infância*. Porto: Chardron, 1883. p. 11-2..

[13] CARREIRO, José Bruno. *Antero de Quental*. Subsídios para sua biografia. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada; Braga: PAX, 1981. p. 104-5. v. 2. nota 14.

[14] QUENTAL, Antero de. *Obras completas – Cartas II (1881-1891)*, Lisboa: Comunicação, 1989. v. 2. [Carta n. 412. A Tomaso Cannizzaro. Vila do Conde, 6 de agosto de 1883].

[15] A consulta aos catálogos de coleções particulares e públicas, existentes em Portugal, incluindo as coleções bibliográficas do Conde de Lavradio (1875), do Rei D. Fernando (1893) e da Biblioteca do escritor José Valentim Fialho de Almeida (1914), doada à Biblioteca Nacional de Lisboa, evidencia que são poucas as referências a títulos brasileiros. No “Catalogue des livres manuscrits et estampes composant la bibliothèque de feu de Mr. Le Comte de Lavradio”, há menção de uma única obra: *Plutarco brasileiro*, de J. M. Pereira da Silva; no “Catálogo dos livros existentes no Real Palácio das Necessidades pertencentes à herança de Sua Majestade El-Rei o Sr. D. Fernando e que hão de ser vendidos em leilão”, a nominata inclui o poema *Colombo*, de Araújo Porto Alegre, os *Anais*, de Fernandes Pinheiro, *A confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, *Marília de Dirceu*, de Gonzaga, na versão italiana, *Oratórias*, de Monte Alverne, destacando-se três obras de Joaquim Manuel de Macedo, *A nebulosa*, *A estátua e os mortos* e *Só*, além de duas de Pereira da Silva, *História da fundação do império do Brasil* e *Os varões assinalados*. O “Catálogo geral da livreria legada pelo notável escritor José Valentim Fialho de Almeida, à Biblioteca Nacional de Lisboa”, não é mais pródigo do que os anteriores em relação à bibliografia do Brasil. Nele referem-se Olavo Bilac, Fontoura Xavier, Gonçalves Dias, Joaquim Norberto, João do Rio, Sílvio Romero, José Veríssimo e Machado de Assis. Autores consagrados no Brasil como Castro Alves e José de Alencar, não constam dessas relações; Casimiro de Abreu, que conviveu com os portugueses entre 1853 a 1857, não é citado nenhuma vez e Gonçalves Dias, que viveu em Coimbra, durante seis anos, aparece apenas na relação de Fialho, com os *Cantos*, de 1865.

- [16] ALMEIDA GARRET. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: ZILBERMAN, Regina e MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 56.
- [17] Idem, p. 57.
- [18] Idem, p. 58.
- [19] Idem, p. 58.
- [20] O ensaio de Garrett teve ampla repercussão junto à geração de românticos brasileiros, que viveram e produziram no período pós-independência. Apesar de não fazer nenhuma alusão à separação política entre Brasil e Portugal, pois quando escreveu o “Bosquejo”, o Brasil já havia declarado sua independência, as palavras de Garrett estimularam os jovens nacionalistas a buscar no país americano os temas e a inspiração para suas criações.
- [21] O BRASIL. *Panorama*, jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, Lisboa, n. 1, p. 279, 1837.
- [22] DAS NATURAIS tendências da futura literatura brasileira. *Panorama*, jornal literário e instrutivo da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Úteis, Lisboa, n. 5, p. 182-3, 1841.
- [23] SUSPIROS poéticos e Saudades per D. J. G. de Magalhães. *Cosmorama Literário*, jornal da Sociedade Escolástico-Filomática, Lisboa, n. 18, p. 142-3 e 147-8, 1840.
- [24] ESTUDOS históricos. O Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas – poeta. *O Ramalhete*, jornal de instrução, e recreio, Lisboa, 1842.
- [25] ESTUDOS históricos. Gênios portugueses: José Basílio da Gama – poeta. *O Ramalhete*, jornal de instrução, e recreio, Lisboa, n. 154, p. 21-4, 1841.
- [26] HERCULANO, Alexandre. Futuro literário de Portugal e do Brasil. Por ocasião da leitura dos *Primeiros cantos*, poesias do Sr. A Gonçalves Dias. *Revista Universal Lisbonense*, jornal de interesses físicos, intelectuais e morais, Lisboa, n. 7, p. 5-8, 1847-1848. [O texto integral foi reproduzido por Leticia Malard e encontra-se em: ZILBERMAN, Regina e MOREIRA, Maria Eunice. *História da literatura e literatura brasileira. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias* da PUCRS, n. 2, Porto Alegre, p. 73-82, 1995.
- [27] Essa obra, cujo ponto de partida são os *Ensaios de crítica e literatura*, escrito pelo mesmo autor, em forma de folhetim para o jornal *A Revolução de Setembro*, esgotou-se rapidamente, segundo informa o autor no “Prólogo” das *Memórias*.
- [28] MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memórias de literatura contemporânea*. Lisboa: Tipografia do Panorama, 1853. p. 313.
- [29] Idem, p. 316.
- [30] Idem, p. 324.
- [31] MENDONÇA, A. P. Lopes de. Manuel Antônio Álvares de Azevedo. *Arquivo Pitoresco*, Lisboa, n. 2, p. 77-9, 1858-1859.
- [32] ALMANAQUE de Lembranças Luso-Brasileiro, Lisboa, n. 1, 1854.
- [33] Expressão citada na nota 1, neste texto.